

*maningue*  
*nice*

ELISIÁRIO MIRANDA

texto de Pedro Bandeira





















































































MANINGUE NICE



A narrativa visual deste fascículo, constituída por fragmentos de diferentes edifícios construídos em Moçambique durante o Estado Novo, tem como base o arquivo fotográfico de Elisiário Miranda. Este arquivo tem sido desenvolvido no âmbito da sua investigação pós-colonial, assente na premissa de que a arquitectura moderna era, para lá da representação do poder do Estado colonial, um veículo de segregação racial e social comprovada na leitura de programas e desenhos.

Esta “culpa da arquitectura” poder-nos-ia, por si só, inibir de fazer este fascículo não fosse a questão uma pouco mais complexa. Revemo-nos em Michel Foucault quando afirma que não há propriamente uma máquina opressora ou libertadora, defendendo, simultaneamente, que a mesma arquitectura pode servir diferentes propósitos (por exemplo, as qualidade panólicas do Familistère de Guise poderiam igualmente servir de prisão) e, neste sentido, culpar a arquitectura do que quer que seja é desconsiderar que a garantia de liberdade só existe com uma “prática de liberdade”.<sup>1</sup>

Poderíamos referir que a complexidade do tema emerge desde logo na sua origem, na improvável mas recorrente relação entre concepções ideologicamente distantes: a utopia identitária do Estado Novo e a utopia social do Movimento Moderno – as “opostas utopias” na expressão de Elisiário Miranda.<sup>2</sup> Em confronto: de um lado está a ambição imperialista de construção de uma identidade específica a partir da diversidade cultural; do outro a vontade de uma identidade genérica assente em valores universais na construção de igualdade. A arquitectura moderna de Moçambique, aproveitará bem a distância de Portugal continental (um contexto político e social mais conservador) procurando novas linguagens, de grande expressividade, mas não alheias à cultura, ao clima local e, em abono da verdade, também às questões sociais.<sup>3</sup>

Apesar de se poder dizer que a arquitectura moderna em Moçambique é, na sua essência, uma representação do Estado colonial, não se poderá afirmar que seja a que melhor expressa a ideologia do Estado Novo – um regime que se sentia, seguramente, mais confortável com o estilo português suave. Neste sentido, ousar ser moderno não deixaria de ser, paradoxalmente, uma provocação em relação ao próprio Estado Novo. Mas o maior paradoxo assenta no facto de estes edifícios não fazerem perdurar a mágoa colonialista. Com a independência, muitos deles foram apropriados para diferentes usos, outros degradaram-se com a ausência de manutenção mas muitos são hoje representação do próprio Estado Moçambicano, perpetuando outras representações de poder.

*Maningue nice* é uma expressão moçambicana que significa “muito bom”. Decorre da influência do inglês da África do Sul. Poderemos pensar que esta é uma outra forma de colonização ou poderemos pensar que é simplesmente o resultado do multiculturalismo decorrente de um mundo globalizado. Afirmamos por isso e com convicção de que esta arquitectura é, para lá de todas as questões ideológicas, *maningue nice* – evidenciando na sua forma um valor estético capaz de sobreviver às inconstâncias de significado.

## Pedro Bandeira

1. Michel Foucault, “Space, Knowledge, and Power (interview with Paul Rabinow)”, 1982.

2. Elisiário Miranda, *Liberdade & ortodoxia: infraestruturas de arquitectura moderna em Moçambique (1951-1964)*, EAUM, 2013

3. Veja-se por exemplo a qualidade dos projetos desenvolvidos para os chamados “bairros indígenas”.









ELISIÁRIO MIRANDA (1960)

Arquitecto, licenciou-se na FAUP em 1987.  
Exerceu a profissão liberal no seu escritório entre 1986 e 2007.  
Foi igualmente colaborador de diversos arquitectos, entre os quais Álvaro Siza, entre 1989 e 1998.  
É docente na EAUM desde 1999 e membro do LAB 2PT/UM. Em 2013 defendeu a sua tese de doutoramento com o título “Liberdade & Ortodoxia: Infraestruturas de arquitetura moderna em Moçambique, 1951-1964”.  
Faz parte das equipas responsáveis pelos projetos de I&D: “EWW – Visões cruzadas dos mundos: arquitectura moderna na África Lusófona (1943-1974)” e “Coast to Coast – Desenvolvimento infraestrutural tardio na antiga África continental portuguesa (Angola e Moçambique)”.  
É co-coordenador da Keeping It Modern Grant da Getty Foundation relativa à Estação Central da Beira, em Moçambique.

Este fascículo ?.

EDITORES

Bruno Figueiredo, Dulcineia Neves dos Santos,  
Pedro Bandeira, Susana Lourenço Marques

TEXTO Pedro Bandeira

DESIGN Susana Maputo / Pierrot le Fou

© ELISIÁRIO MIRANDA/ PLF

Primeira edição 12/2019

300 exemplares

Porto, Portugal

[www.pierrotlefou.pt](http://www.pierrotlefou.pt)

ISBN ?

DEPÓSITO LEGAL ?

APOIO